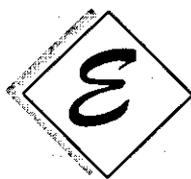


Era uma vez ... Roberto Carlos: Um contador de histórias recriando a narrativa oral

M^a. Cristina de Meneses Malheiros¹



ra uma vez ... uma sociedade onde o contar histórias era um meio expressivo para se transmitir conhecimentos de geração a geração, com o intuito de preservar as tradições, os mitos, as crenças e os costumes da vida em comunidade.

Era uma vez ... a nossa sociedade atual, objetiva e veloz, na qual há pouco espaço para se transmitir e recriar experiências através da linguagem oral, das histórias e das parábolas. “Tempo é dinheiro” e contar e ouvir histórias, talvez, como toda a arte, são considerados “inúteis” e “supérfluos”, sacrificando o “sabor” e o prazer que essas experiências podem trazer às nossas vidas.

Mas, felizmente ... *era uma vez* uma grata lembrança de uma avó que contava histórias do “arco da velha”, de um vovô que nos apresentava personagens interessantíssimos do seu lugarejo de infância, histórias macabras das cidadezinhas, mundos maravilhosos dos contos de fadas ...

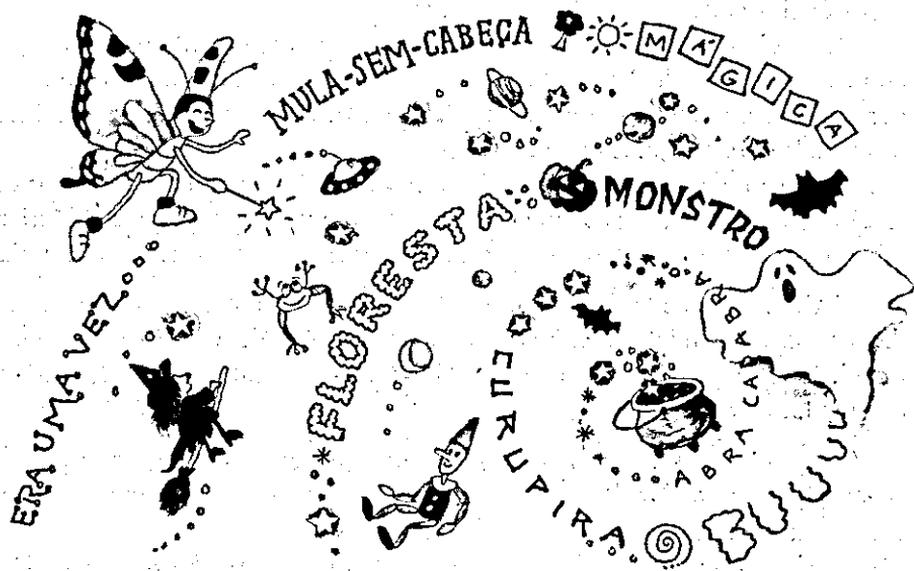
E ... *era uma vez*, Roberto Carlos Ramos, desde menino um contador de histórias, hoje também pedagogo e escritor continuando a resgatar e recriar, primorosamente, a narrativa oral. Agora, é ele quem nos conta a sua própria história.

M.C. - Atualmente têm surgido vários grupos de contadores e contadoras de histórias, com o intuito de resgatar a narrativa oral, de revalorizar o mundo imaginário, e de redescobrir o prazer da leitura. Como surge Roberto Carlos, o contador de histórias?

R.C. - *Quando vou falar a respeito da experiência de contar histórias, eu começo assim: “Todos devem estar estranhando ... como um ‘negão’*

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Escola de Educação Física/UFMG. Atriz formada pela Fundação Clóvis Salgado - Palácio das Artes, Belo Horizonte/MG.

desse tamanho ganha a vida contando histórias?" Porque, se é negro e fortão, deve ser capoeira, policial [risos], ou cantor de Rap. Mas nunca um contador de histórias, geralmente associado à imagem do velhinho com a bengala. Ser contador de histórias antecede meu trabalho como pedagogo e escritor. Eu comecei a contar histórias pelo fato de ter sido alfabetizado aos 13 anos de idade. Não saber ler, nem escrever, me colocava como uma pessoa, talvez, "da Idade Média", quando a literatura e a escrita não eram muito difundidas e tudo que eu ouvia, precisava memorizar para contar às pessoas. Como eu não sabia codificar escrevendo, eu contava histórias. Isso encantou uma pedagoga francesa. Ela achava interessante eu falar de fatos ocorridos a 4 ou 5 meses atrás com uma precisão de detalhes que a surpreendia. Ela adorava, porque tudo que me perguntava, eu inventava alguma coisa, e ela me achava inteligentíssimo porque eu explicava tudo. Na verdade, eu não sabia coisíssima nenhuma [risos] e ela sabia disso, mas achava fantástica a minha criatividade. O ser humano, antigamente, tinha necessidade de algumas respostas e, como não tinha livro, computador ... o contador de histórias é quem inventava essas respostas.



Hoje, existem vários grupos de contadores de histórias. Alguns querem resgatar a literatura, outros querem possibilitar o lazer, ou simplesmente o prazer da oralidade, de expressar, de viver através da palavra. Algumas pessoas falam que o contador é um tipo só, mas eu faço uma distinção. Atualmente, temos no Brasil três tipos de contadores de histórias bem definidos. Nós temos o contador "tradicional", que é aquela pessoa que ouviu uma história quando era pequena e depois reconta. É a figura clássica da imagem do velhinho sentado no banco ou na beira do fogão de lenha contando histórias. Dificilmente ele repete da mesma forma porque, na verdade, ele está narrando o que viveu num determinado momento. É o "estilo mineiro" de contar histórias. Temos também os "narradores", aqueles que se prendem a um texto e afirmam que não se pode mudá-lo. Para valorizar a literatura, essas pessoas memorizam e contam a história. E temos os "interpretadores", que assumem a figura do ator e se permitem transformar o texto.

Eu gosto de mesclar um pouco de tudo isso. Eu não sou um contador "tradicional" porque, infelizmente, ainda não tive essa vivência. Narrar histórias a partir de textos, eu não gosto, porque muitas vezes o texto precisa de mudanças, embora em alguns, como os de Guimarães Rosa, você não possa nem "encostar a mão", porque a riqueza está no texto original. Gosto, também, de interpretar. Como contar uma história para crianças de 3 ou 4 anos, sem interpretar? Você tem que fazer uma voz diferente, tem que incorporar o ator, imitar, por exemplo, como uma onça faz, um leão, um tigre. Então, eu mesclo isso tudo para tentar atingir o público. Eu tento usar da minha sensibilidade para perceber que tipo de história a maioria quer ouvir e, graças a Deus, as coisas têm funcionado, as pessoas gostam, retornam e pedem outras histórias.

M.C. - *Você conta histórias, dá cursos, escreve artigos para revistas e já publicou dois livros. Nos conte um pouco sobre isso.*

R.C. - *Atualmente, eu posso me dar ao luxo de falar que sou um contador de histórias que vive da arte de contar histórias. E eu não sobrevivo, eu vivo! Hoje eu viajo o país inteiro contando histórias em escolas, em universidades e em empresas também. Graças a Deus, nas escolas me chamam sempre pelo fato de despertar o gosto pela leitura. Eu falo que algumas das histórias contadas têm em livros e quem quiser*

pode procurar, mas eu não gosto de falar onde está, porque cada um procura a sua história, podendo encontrar outra tão interessante quanto.

Eu escrevo alguma coisa porque, nem sempre, posso estar junto com as pessoas. Então eu utilizo os artigos de revistas, o CD de histórias e os livros "Marambáia" e "Pedagogia do Amor".

Eu criei um estilo de contar histórias verdadeiras dentro do estilo de histórias fantásticas. O livro "Pedagogia do Amor" é a minha história de vida, quase uma biografia. Eu narro a minha trajetória de menino de rua, o período que eu passei na FEBEM, os colegas, e como despertou a minha capacidade de contar histórias. Depois, a francesa que me adotou e as técnicas que ela utilizou no meu processo de alfabetização e a vocação de ser pedagogo. E conto, também, sobre o processo de adoção dos meninos, como cada um foi descortinando. Fazendo com eles a mesma coisa que a francesa fez comigo, eu percebi as brechas no meu próprio processo de formação, enquanto ser humano. E eu digo que todo esse processo só se deu, porque um dia uma francesa veio para o Brasil, e quis conhecer a FEBEM. Lá, fui apresentado como um caso irrecuperável. Diziam que eu era logorréico, um termo psiquiátrico para quem fala demais. O que me impressionou muito foi ela pedir licença para falar comigo. E quando ela falou com sotaque: "com licença, eu gostaria de convêssarr com você", eu falei: "gente ela tem língua presa, fala tudo errado, né?". E ela disse: "non, eu non falei errado, eu mórrro do outro lado, onde eu mórrro todo mundo fala assim." Aí eu pensei numa colônia de leprosos: "ah! que nem lepra, tem que separar porque tem a doença da boca..." e ela falou: "non, é que eu mórrro do outro lado do planeta, é que a terra é redonda" e ela fez com a mão bem grande, e eu disse: "senhora tá doida, a terra redonda, dona? Eu já andei Belo Horizonte todinha não vi redondo nenhum na terra, que negócio é esse?" Ela olhou para mim, dizendo: "non, é possível ... enquanto aqui é de dia, no meu país é de noite, as pessoas estão de cabeça parra baixo". Eu fui embora achando que a mulher fosse louca, falando de terra redonda, os outros de cabeça para baixo. Mas eu achei interessante o jeito dela mostrar com o braço e querer completar a comunicação. Três dias depois, eu fugi da FEBEM e ela me procurou na rua querendo saber porque eu tinha fugido. Aí eu contei o que era a minha FEBEM. E eu fiquei feliz, pois pela primeira vez, eu falei vinte minutos! Só eu falei, ninguém me interrompeu,

*ninguém me mandou calar a boca. Ela ficou olhando para mim e eu falando, minha boca espumando e ela olhando para mim. (...)*²

Tenho artigos publicados em revistas como a Amae Educando, Nova Escola e Dois Pontos. Há uns dois anos, a UNESCO gostou do texto da revista Dois pontos e o publicou em várias revistas internacionais da área de educação, a respeito da arte de se contar histórias e do prazer que a criança sente, o que descortinou um outro universo com novas fronteiras para mim. Depois disso eu já estive uma vez na Europa, contando histórias, e até ganhei um título na França: membro da Associação Internacional de Contadores de Estórias e Valorizadores da Expressão Oral de Marselle. Eles valorizam a expressão oral porque o ser humano está perdendo muito essa capacidade de falar, não é o discurso simplesmente, é a capacidade de impressionar pela palavra, do agradecer, do maravilhar contando histórias.

Os cursos são uma forma de trabalhar com as pessoas essa capacidade que o ser humano sempre teve, mas que nós, infelizmente, perdemos em função da televisão, do rádio, do microsistem e do computador, que são as babás eletrônicas de hoje. Infelizmente, nós temos uma geração que não viveu o contar histórias. Os pais estão perdendo isso, e os filhos, daqui a pouco vão perder completamente, e quando tiverem os seus filhos não vão saber nada a respeito dessa arte.

Eu mostro que contar histórias não é simplesmente ler um livro, é viver tudo, e, de repente, você flagra um adolescente de 14 ou 15 anos, ouvindo uma história de "Mula sem Cabeça" e se assustando, uma história de "Lobisomem" como se fosse verdade. É legal você trabalhar essa capacidade inventiva que eles têm em estado latente, no imaginário e que, de repente, é despertada simplesmente pela palavra. Eles, "voam" de forma muito mais interessante do que com a televisão, que fornece a imagem pronta. O contador não, ele permite que a pessoa crie a imagem.

M.C. - Então você dá cursos para professores e pais, também?

R.C. - *Uma vez eu conversei com um contador de histórias, o nome dele é Gnou Bah, um africano que conviveu com os pigmeus, e ele contou que o dialeto desse povo, não passa de quarenta e poucos vocábulos.*

² Devido à característica de entrevista desse trabalho, não nos é possível continuar a história, mas, felizmente, ela está no livro publicado pelo entrevistado - RAMOS, Roberto Carlos. *Pedagogia do Amor*, Porto Alegre: Editora Nova Empresa, 1998.

Tudo que eles vão contar é usando a palavra, mas o corpo conta também a história completando a expressão. E eu perguntei para ele: "como é que eu faço para aprender a conversar como o Sr.?" Ele respondeu: "você vai lá para casa e mora comigo um tempo". Eu falei: "quanto tempo?" "Ah ... uns quinze, vinte anos". Eu disse: "é muito!". "Mas é preciso uma vida inteira para se contar histórias, meu filho, ninguém conta de uma hora para outra não." Então, quando eu vou dar um curso eu falo que em oito, ou dezesseis horas, é impossível aprender a contar histórias, mas são passadas algumas técnicas que existem para esse fim.

Eu separei o curso para pessoas que estão iniciando, e para quem já tem uma certa habilidade para contar histórias. No caso do professor, eu o considero uma pessoa que já tem essa prática, pelo menos tem didática para transmitir uma informação. Têm, também, as Oficinas Jovens para os adolescentes. Mas os professores sempre pedem mais, porque eu criei uma técnica para ensinar português, matemática, geografia, física, química e biologia, contando histórias, como se fazia há 200 anos atrás, quando as pessoas não tinham giz e os conhecimentos eram transmitidos dessa forma. Quando os professores incorporam isso, a aula fica muito mais rica e, quando conseguem aliar isso ao livro, surge uma comunicação perfeita: eu estou contando, o outro está ouvindo e vendo através do livro. Contar histórias difere de uma aula expositiva, pois permite que a pessoa entre e viva, e crie toda a estrutura do seu aprendizado. A história permite buscar outros caminhos para se chegar à informação. O aluno entra no processo de aprendizado para construir e criar.

Quando alguém conta alguma coisa, quem ouve cria uma imagem. Depois, quando vai recontar, vai descrever a sua própria imagem, se permitindo criar, tornando mais rica, na verdade, a história.

M.C. - Você cria as suas histórias?

R.C. - Também. O inventar histórias vem das minhas vivências. O meu primeiro livro, *Marambáia*³, tem quatro histórias, e a mais impressionante é a do monstro *Marambáia*, criada a partir do pedido de uma colega psicóloga. Ela tinha no consultório alguns adolescentes de 12 e 13 anos. Qualquer coisa que se contasse para trabalhar a questão do medo, para eles não existia, porque "eu deletei o monstro no meu vídeo game, eu

³ RAMOS, Roberto Carlos. *Marambáia*. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1995.

pego uma espada ninja e corto não sei o quê, e se ele me matar eu uso meu plexo solar e ressuscito no terceiro dia”, tudo que viam na televisão, eles incorporavam no dia-a-dia. Ela queria assustar esses meninos para eles criarem alguma coisa que não viesse pronta da televisão. Aí eu criei o monstro Marambáia, que é uma verdadeira aberração da natureza, que eu como “cientista” nunca vi coisa parecida, mas existe! (...)

São 40 minutos de história, adolescente que não consegue ficar quieto, ouve a história e sai no suspense: “será que é verdade, será que é mentira?”

No meu Marambáia, entra um pouco a minha história de vida, pelo fato de ter sido menino de rua. Eu transferi de uma boa forma os monstros que foram vencidos na minha vida. É isso que o contador de histórias faz, ele transporta a sua própria realidade, “passa uma maquiagem” e conta o que quer contar, o que viveu. Quando eu conto a história do monstro Marambáia, eu tenho que convencer que é verdade, se eu estiver contando uma coisa séria dando gargalhadas, eles falam “é mentira, não existe”. Mas eu só consigo convencer se tiver uma ligação com alguma coisa que existiu no meu passado. Onde eu consigo uma seriedade quando o monstro está realmente prestes a me devorar? Em algum momento da minha vida. Nunca vi “Lobisomem”, mas já conheci outras pessoas que eram como “Lobisomens” e quase me atacaram como se fossem. Nunca vi uma “Mula sem Cabeça”, mas já passei perto de alguém que quase me escolheu como se fosse uma. Eu transformo as histórias em mitos.

Eu conto a história que, na verdade, satisfaz às minhas perguntas. Isso também satisfaz a curiosidade das pessoas... você começa a estimular a imaginação, e quanto mais detalhes você fornece, mais a pessoa se emociona, mais ela entra na história, porque ela passa a conhecer também os personagens. A minha imaginação funciona nesse sentido, eu tento perceber o que as pessoas querem ouvir e lembrar o que eu queria ouvir quando era pequeno.

M.C. - Dizem que é a história que escolhe o contador, e não o contrário. O que você pensa disso? Quantas histórias tem hoje o seu repertório?

R.C. - *Existem aqueles três tipos de contadores. Tem pessoa que se não tiver um texto escrito não consegue trabalhar; tem pessoa que se não der uma cambalhota, uma risadinha, também não consegue, e tem um contador que se tiver texto e tiver de dar cambalhotas não conta,*

porque só gosta de ficar assentado. Quanto à história escolher, o que acontece muitas vezes é que as pessoas vêm de longe e falam: "Nossa! Eu ouvi uma história que é a sua cara, ficaria engraçada com você, do seu jeito de contar".

É fundamental você agradar da história para poder contá-la, porque têm algumas que são encomendadas e não "saem" de jeito nenhum. Você atropela, fica com preguiça de contar. O estilo da história não agradou o contador, e o contador não agradou o estilo da história. Quando me pedem uma história eu pergunto se posso mudar o que for necessário e, caso eu não tenha essa autorização, dificilmente conto, porque uma coisa é a história escrita e outra é aquilo que você vai contar. Por exemplo, uma criança pede para a mãe contar uma história que já foi ouvida várias vezes, segundo Gianni Rodari⁴, a pessoa não quer ouvir, na verdade, a mesma história, mas sentir a mesma emoção que ela sentiu quando a ouviu anteriormente, mas se é uma história desagradável, o contador não vai passar ênfase nenhuma e o público não vai gostar.

Quanto às histórias que eu tenho, eu já perdi a conta. Graças a Deus, a minha capacidade inventiva é muito grande, eu posso ter contado mil histórias e ainda conto quinhentas novas, o terrível é que eu não consigo guardar tudo depois.

M.C. - E a relação do contador de histórias e do pedagogo Roberto Carlos, como é isso?

R.C. - *Na verdade, ser pedagogo é uma extensão do contar histórias. Eu que não sabia nada de letras, eu já contava, ou seja, eu ensinava para alguém o que eu achava interessante, mesmo que fosse folclórico, mas eu ensinava. Eu tenho a coragem de falar: se eu não fosse um contador de histórias eu seria, talvez, um pedagogo medíocre. O contar histórias é anterior, é primitivo e a pedagogia é uma convenção criada, a figura do pedagogo, do repassador, que nada mais é do que um contador de histórias de antigamente, talvez, ou um pai de família, uma mãe.*

Hoje eu presto assessorias na área de educação, em escolas. Falo a respeito da pedagogia do amor, esta é a minha palestra atual. Sou solicitado devido aos "meninos-problema", e eu fui um menino tido como

⁴ RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo, Summus, 1982.

problema na FEBEM. Eu digo que não existe "criança problema", o que existe são técnicas e formas mal dadas, e que os meninos só erram porque têm regra demais.

M.C. - Como tem sido a experiência de contar histórias em escolas?

R.C. - *Hoje eu só conto história porque aprendi, sem dúvida alguma, a usar as palavras. Eu passo para o aluno que ele tem que saber usar as palavras para viver a mesma emoção. O que adianta ler um livro e não entender a metade das palavras? É fundamental que se aprimore a capacidade de interpretar.*

O pessoal me chama muito para mostrar como é que se conta uma história "gostosa". Os meninos adoram, porque eu procuro não vincular o momento prazeroso de ouvir histórias com o castigo, o exercício que vem depois. Tem que sobreviver esse momento prazeroso. O momento da história é uma ilha que se cria, um momento mágico no caos que é a escola. Essa ilha é o porto seguro, é o momento da história, ninguém vai cobrar nada, ali pode-se ficar tranqüilamente. No começo, algumas professora cobravam dos meninos a postura para ouvir histórias: sentados no chão com a "perninha de índio", que castigo! Então, eu faço uma brincadeira com eles. Todo mundo sentado com "perna de índio", eu falo: eu quero que vocês dêem dois pulinhos para o lado, para esquerda, para direita! Eles começam a pular e, quando assustam, está todo mundo embolado. Eu digo: agora deita, relaxa ... essa é a melhor posição para se ouvir história, o jeito que você achar melhor. Se o menino quiser ouvir história plantando bananeira, desde que fique com o ouvido atento... O medo da escola é: "aprontou o caos!", não é o caos nada. Por quê? Porque estão ali dentro da história, então não existe caos, muito pelo contrário, é o momento do equilíbrio, é o momento que eles estão se achando, se equilibrando.

M.C. - E essa religiosidade que aparece nas suas histórias, faça benta, por exemplo?

R.C. - *O que são os contos de fadas? Fada vem do latim "fatum", que quer dizer destino. Então os contos de fadas, os contos maravilhosos de hoje, na verdade eram os contos de destino, nós não tínhamos os contos fantásticos antigamente. Todos os contos de fadas que existiam eram verdadeiros. Um menino estava andando. Um dia, ele entrou na parte do*

deserto e, de repente, caiu sobre ele uma chuva de peixes, e o menino tinha feito uma prece. O que você pensa? Foi Deus, não foi? Na Idade Média, foi Deus quem mandou uma chuva de peixes na cabeça do menino. Aí, mil setecentos e pouco, com a Revolução Industrial, com o Iluminismo, vem o cientista e descobre um tufão que rodou muito sobre o lago e conseguiu capturar um cardume de peixes. Quando foi entrando no deserto, perdeu a força e caiu aquela chuva de peixes na cabeça do menino, perdeu completamente a graça. Antigamente, as coisas fantásticas, sobrenaturais, tinham a ver com Deus, com o bento, com o sagrado, e isso, o místico, ainda agrada, faz parte do ser humano. Tudo que não se explica, busca-se uma explicação primeiro na religião e depois cientificamente. Por isso que eu coloco muito o "em nome do pai". É a fase da religião ainda, porque se eu falar cientificamente o que é, perde a graça. Eu vou explicar que o "Lobisomem" era um "cara sem graça" que gostava de atacar mocinhas, que ele não existia.

Todas as histórias, todos os contos de fadas, buscam satisfazer o ser humano. Em toda história existe um começo de equilíbrio, existe uma transgressão, depois tem uma busca, um desafio. Nesse desafio, acontece a prova, e a história sempre termina num novo equilíbrio e de uma forma diferente do começo. Como o ser humano quer o desafio, isso o satisfaz e ele se encanta tanto com as histórias que está sempre buscando.

M.C. - Como é a experiência de contar histórias para públicos tão variados, como crianças, adultos, adolescentes, idosos, homens e mulheres, para camadas sociais diferenciadas?

R.C. - *Entra em jogo a sensibilidade que o contador de histórias precisa ter: ser sensível para contar a história certa, no momento certo, para a pessoa certa. Existe realmente uma distinção de histórias que se conta para uma criança de 4 anos e uma de 6 anos, e para a de 10 anos de idade, para o adolescente, para o adulto. Existem formas diferentes de se contar histórias. Há uma diferença da criança da zona sul para a criança da zona norte, da criança do centro urbano, para a da zona rural. Cada uma tem um conjunto de valores diferentes, que faz parte do seu grupo. E o contador tem que perceber isso, para inserir nas histórias, caso contrário, as histórias ficam insípidas, sem graça. Então, tem que ser sensível para perceber, também, a linguagem em que vai se contar.*

Quanto ao idoso, ele é um contador de histórias, já viveu muito mais do que eu e tem muito mais histórias interessantes. Eu conheço algumas "hitorinhas", alguns "casozinhos" e conto. Quando eu começo a contar história para idosos, logo peço desculpas pelo meu "topete" de querer contar história para eles. O idoso sabe que ele viveu muito e quer esse respeito... e acaba que eu só conto meias histórias porque o resto são eles que vão contar!

Os adolescentes são ótimos. Têm resistência, mas eu digo sempre que não é uma história qualquer. E pergunto: "alguém é capaz de acreditar, por exemplo, que "Mula sem Cabeça" e "Lobisomem" existem?" "Não". "Eu vou contar uma história: outro dia eu conheci uma senhora, ela estava louca, num hospital psiquiátrico com o braço unhado. E a marca que tinha no braço dela - que eu já estudei isso - parecia marca de lobo, e quando eu fui fazer uma pesquisa, tinha sangue de lobo com marca humana. Homem e lobo o que quer dizer isso?" Eles falam: "Lobisomem". "Pois é ... Eu vou contar essa história, porque é científico". "Lá vem o cara, é científico, não é uma comédia". Aí conto, a maior parte da tarde "voa" e eles dão gargalhadas. É científico, ou coisa de amor. Eu falo: "gente, ainda bem que a professora não está. Vou contar uma história de sexo". "Obaaa!!!" "Não... mas era um sexo rural, é coisa da roça". Aí eu conto uma literatura de cordel, não falo nada de sexo, falo no máximo alguma coisinha, que a mulher levantou a saia até nas coxas, "ahn!"

Eles entram na história porque eu falei as palavras mágicas. Existem as palavras mágicas. E a mais forte de todas é: Era uma vez ... com a qual se abrem todas as portas.

"É verdade mesmo, isso que você contou, existe? Eu não sei, mas quem me contou jurou de pé junto que era! Num acredito, nem desacredito."

Roberto Carlos⁵

⁵ Roberto Carlos Ramos, contador de histórias, palestras motivacionais, cursos e oficinas. Telefones de contato: (31) 533 3650 e 99709474.